

Distribuição da População no Estado de Mato Grosso em 1940

ELZA COELHO DE SOUSA KELLER
Geógrafo do C N G

Mato Grosso é um dos estados do Brasil de população mais reduzida; pelo recenseamento de 1940 apresentava um total de 420 835 habitantes dispersos numa área de 1 262 572 quilômetros quadrados. Isto lhe dá uma densidade média de 0,33 habitantes por quilômetro quadrado apenas; com densidade menor aparece somente o estado do Amazonas. Ocupando no Brasil 14,82% da área contribui na população apenas com 1,02%, contribuição insignificante no contingente populacional do país se se levar em conta a sua imensa superfície.

Dentro do estado a população se agrupa em áreas bem definidas formando núcleos populacionais em que os habitantes rurais são sempre em maior número que os urbanos.

Um núcleo de população mais densa e ocupando uma área relativamente restrita se localiza na parte central do estado nas vizinhanças da histórica capital, Cuiabá. Se a origem deste núcleo se liga no século XVIII à exploração das ricas aluviões auríferas dos rios Cuiabá e Coxipó-Mirim, hoje em dia a sua existência se explica exclusivamente por motivos históricos. A população que para aí se deslocou por ocasião da exploração aurífera, em parte permaneceu na região entregando-se quer à indústria pastoril, quer à atividade agrícola, muito embora nenhuma das duas proporcionasse lucros muito grandes.

Por força da tradição permaneceu esse núcleo populoso em torno à capital, no centro mesmo do estado. Nenhuma atividade econômica rendosa ou facilidade de comunicações com mercados consumidores de importância que incentivassem o seu desenvolvimento podem explicá-lo.

Já o sul do estado, outra região de população mais numerosa apresenta aspecto diferente na distribuição espacial da população. Ela se dispersa por uma área mais extensa e não apresenta grandes aglomerados populacionais, mesmo porque a sua atividade de base não favorece a formação de tais aglomerados.

Circunstâncias diferentes deram origem ao povoamento do sul; nos primeiros tempos da colonização, a necessidade de defesa das fronteiras contra as incursões castelhanas obrigaram a construção de fortes e colônias militares, que muitas deram origem a cidades e de certo modo favoreceram o povoamento de determinadas áreas. Posteriormente, o desenvolvimento de diferentes atividades econômicas como a extração da erva-mate ou a criação extensiva nas ricas pastagens dos campos da Vacaria foram outros fatores de ocupação e adensamento da população nesta área do sul, que hoje se destaca como a mais avançada economicamente dentro do estado.

Estas duas áreas mais povoadas, acima descritas, se unem quer pelo rio Paraguai, ao longo do qual se estende uma zona relativamente bem povoada de Pôito Esperança para montante, quer pelo alto do planalto passando por Herculândia (Coxim)¹ e daí através da região diamantífera de Poxoreu e Lajeado (Guiatinga) atingindo o núcleo populoso de Cuiabá.

A parte norte do estado drenada pela bacia amazônica inscreve-se dentro da vasta região de vazio demográfico que abrange parte do Brasil Central.

Zona Sul do Estado — Como já foi dito, o sul de Mato Grosso constitui demograficamente uma zona bem individualizada. Economicamente também se pode dizer que ela tem uma vida própria e quase independente do restante do território estadual. As suas ligações

¹ Os nomes colocados entre parêntesis correspondem às denominações dos municípios, posteriores a 1940.

comerciais se fazem, sobretudo, com o vizinho estado de São Paulo ou com os países do rio da Prata, conforme o produto que é objeto das trocas comerciais

A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil que a atravessa de leste a oeste, desde as fronteiras de São Paulo até as margens do rio Paraguai foi, sem dúvida, um dos fatores essenciais que deu impulso ao desenvolvimento econômico do sul matogrossense. Não só determinou um melhor aproveitamento da zona rural, pois garantia o escoamento dos produtos quer agrícolas, quer pecuários, como proporcionou grande desenvolvimento das atividades urbanas nas cidades por ela servidas

O sul matogrossense, na vertente do Paraná, foi inicialmente ocupado e povoado num transbordamento das fazendas pastoris do Triângulo Mineiro, em busca de pastagens amplas e ricas para o seu rebanho bovino em constante aumento nas primeiras décadas do século XIX.

Desbravado êle já estava pelas bandeiras que o atravessavam na sua rota para o norte, para as ricas minas de Cuiabá. O rio Pardo, afluente do Paraná, era o caminho seguido pelos bandeirantes que após atravessarem o divisor Paraguai-Paraná na fazenda Camapuá dos irmãos Leme, desciam o Coxim, o Taquari, subiam o Paraguai e o Cuiabá atingindo a região aurífera, à qual se destinavam depois de vencerem mil obstáculos e perigos. Apesar desta rota ter sido freqüentada desde meados do século XVIII, nada de definitivo estabeleceram os bandeirantes no seu caminho. A região não se beneficiou com nenhuma ocupação permanente.

Somente mais tarde, no século seguinte, é que a pecuária vinha ocupar essa imensa área deserta que se estendia das barrancas do Paraná às do Paraguai. A indústria pastoril ocupou no início apenas a vertente do Paraná, daí se expandindo para o alto do divisor Paraná-Paraguai, ocupando as amplas e ricas pastagens dos "campos da Vacaria", que se estendem nas proximidades de Maracaju.

A indústria pastoril foi o móvel propulsor do aproveitamento econômico desta parte do território matogrossense. E ainda hoje ela continua a ser a sua atividade de base. Rebanhos de milhares de cabeças de gado bovino anualmente descem para os mercados do estado de São Paulo, do qual esta região é economicamente dependente. Para tal dependência muito contribuiu, sem dúvida, a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que construída em 1904 com fins estratégicos, veio dar um surto de progresso às regiões por ela percorridas.

Se a grande maioria dos núcleos urbanos aqui situados devem à sua origem à expansão pastoril, foi em muitos casos a estrada de ferro que lhes deu real desenvolvimento. Neste caso encontra-se especialmente a cidade de Campo Grande, a capital regional do sul matogrossense.

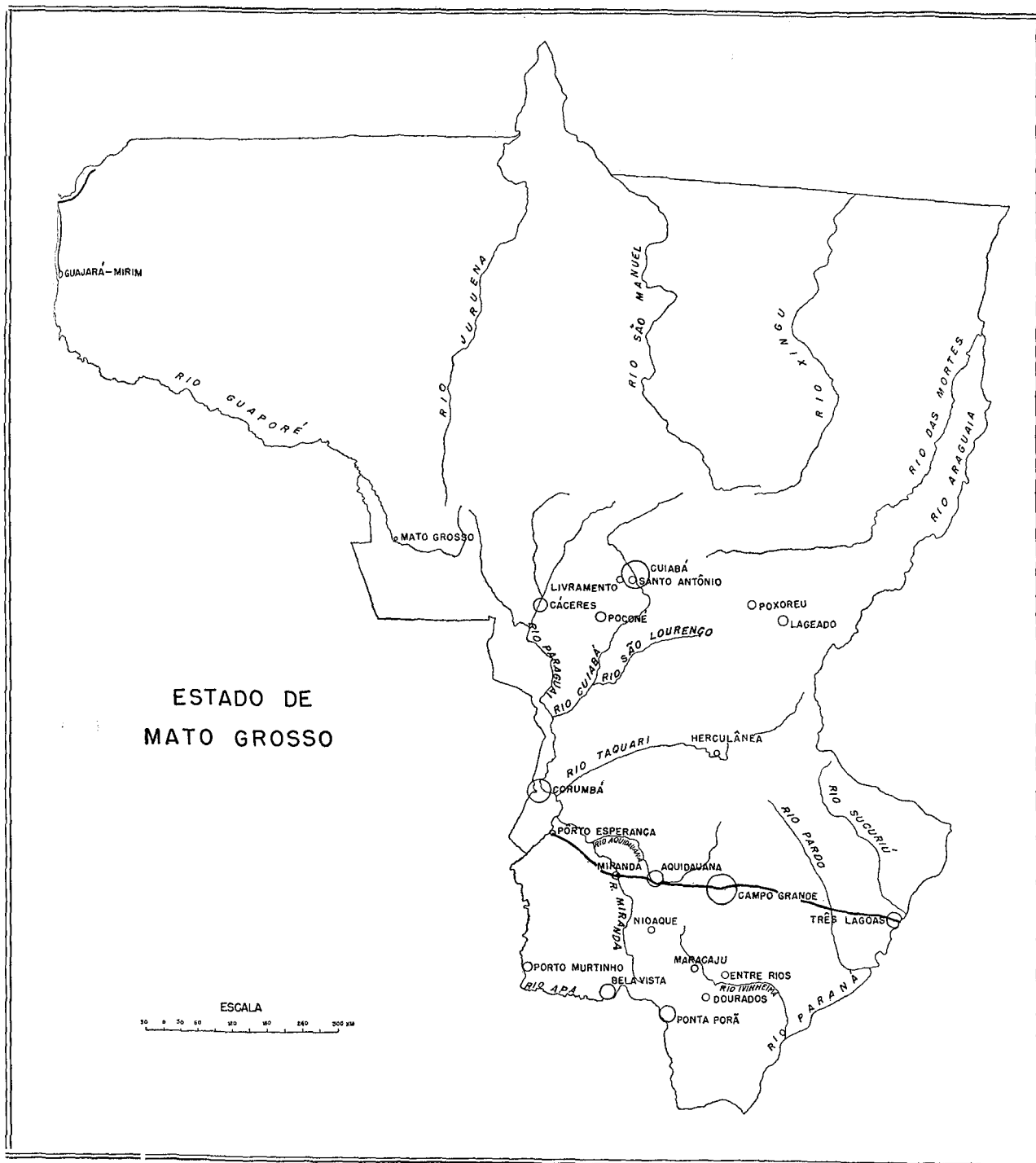
É a cidade mais populosa do estado com 23 054 habitantes. Apesar de ser muito mais nova que a capital ou Corumbá, ultrapassou-as largamente em seu contingente populacional. Campo Grande se distingue como grande entreposto comercial com vasta zona de influência. Concentrando a produção de uma grande área, a ela dá vazão através da Estrada de Ferro Noroeste ou das rodovias.

Tendo-se originado de um núcleo fundado por mineiros vindos de Monte Alegre em 1870, o povoado cresceu com a vinda de famílias mineiras, goianas e paulistas atraídas pelos seus excelentes campos de criação. Foi, no entanto, com a inauguração da estação da Noroeste em 1914 que o seu progresso se estabeleceu em bases firmes e estáveis. Além de uma função comercial destacada tem a cidade já uma indústria que começa a desenvolver-se com pequenas fábricas de ladrilhos, móveis, calçados, além das máquinas de beneficiamento de arroz, café, algodão, laticínios e charqueadas. Não se pode também deixar de mencionar a importante função cultural que tem no sul matogrossense a cidade de Campo Grande.

Outro centro urbano que também se destaca no sul do estado e que deve tanto a sua origem quanto o seu desenvolvimento atual à estrada de ferro é Três Lagoas, situada quase à margem do Paraná, onde a ferrovia transpõe êsse rio. É esta cidade a intermediária entre a grande e rica zona agrícola paulista e a imensidão pastoril de Mato Grosso.

Originário de um acampamento aí estabelecido pela comissão de engenheiros encarregada da construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em 1909, o povoado logo se desenvolveu e em 1940 contava a cidade uma população de 5 154 habitantes.

Em toda esta zona drenada pelos afluentes do Paraná e no alto da serra de Maracaju, o divisor Paraná-Paiaguai, a população rural se dispersa em grandes fazendas de criação, notando-se apenas uma maior concentração nas proximidades das cidades.



Na vertente paraguaia, drenada pelos rios Aquidauana e Miranda a população rural ainda se apresenta muito dispersa e a atividade econômica de base continua a ser a pecuária.

Ainda aqui a estrada de ferro faz sentir a sua influência sobre os núcleos urbanos propiciando-lhes um maior progresso. Outro fator que não a pecuária e mais antigo no tempo se deve a ocupação e o povoamento desta área: a fundação de colônias militares destinadas a defender as fronteiras brasileiras contra as incursões de tropas espanholas e mais tarde paraguaias, deu origem a algumas das principais cidades aqui situadas, como Miranda e Douados.

Outro fator de não menor importância na fundação de núcleos urbanos foi não só aqui no sul, como de modo geral em todo o estado, a função de vias de comunicação que tiveram os rios nos primeiros séculos da colonização, função esta menos importante hoje em dia, graças à abertura de vias terrestres de circulação. Assim Nioaque foi fundada por ordem do barão de ANTONINA quando fechada a navegação no rio Paraguai aos navios brasileiros pretendeu ele ligar as suas propriedades no Paraná às que possuía em Mato Grosso.

Do mesmo modo, Aquidauana foi fundada às margens do rio do mesmo nome, por moradores de Miranda que preferiam utilizar esse rio como meio de comunicação com os povoados mais distantes. Aquidauana com uma população de 5 773 habitantes em 1940 é hoje uma cidade à qual a estrada de ferro veio, sem dúvida, dar grande progresso.

Na vertente do Paraná a mesma origem teve Entierrios (Rio Brillhante) cuja fundação se deve a uma tentativa do governo imperial de criar um porto de navegação que facilitasse as comunicações entre São Paulo e Miranda. Malograda essa tentativa tornou-se, entretanto, conhecido o território, onde criadores de gado se foram estabelecendo, integrando-se assim as terras banhadas pelos rios Douados, Brillhante e Vacaria na próspera zona criatória que se estende até as altas cabeceiras dos rios Aquidauana e Pardo.

No extremo meridional matogrossense, o rio Ivinhema para o sul, nota-se uma aglomeração maior da população rural, sobretudo, nas proximidades de Ponta Porã e ao longo do rio Apa, afluente do Paraguai. Esta maior concentração de população deve-se, sem dúvida, ao desenvolvimento da indústria extrativa da erva-mate.

Não só na vida rural a indústria ervateira teve influência marcante determinando um adensamento da população maior que nas zonas pastoris, situadas mais ao norte, como também propiciou o desenvolvimento dos centros urbanos situados na área em que domina. Assim é que Ponta Porã, Bela Vista e Porto Murtinho são cidades que devem sua origem ou seu desenvolvimento à indústria da erva-mate.

É uma zona de desenvolvimento mais recente que a vasta área criatória que se estende pelo alto da serra de Maracaju e pelas vertentes do Paraná e do Paraguai. Somente em fins do século XIX, após a guerra do Paraguai, é que os ervais nativos do sul matogrossense foram concedidos para exploração a Tomás Laranjeira. Tal exploração iniciada nas vertentes da serra de Amambá atraiu desde o começo uma numerosa população paraguaia que povoou o extremo sul de Mato Grosso. Essa mesma indústria fez ainda desenvolver-se Bela Vista e deu origem à cidade de Porto Murtinho, na primitiva fazenda das Três Baías, destinando-se o seu porto ao escoamento da erva pelo rio Paraguai para a Argentina e o Uruguai.

No entanto, a exploração dos ervais foi caminhando para leste. O eixo de escoamento transferiu-se para o rio Paraná, continuando a produção ervateira a destinar-se aos mercados platinos.

Ponta Porã com 4 480 habitantes é aqui outra cidade que deve o seu progresso à indústria ervateira. Foi o comércio da erva que lhe deu impulso e desenvolvimento.

Deixando-se essa área mais povoada do sul de Mato Grosso, onde a estrada de ferro marca um limite separando-a do restante do estado, delineia-se mais ao norte uma zona menos povoada que aparece como uma solução de continuidade entre as áreas mais densamente ocupadas do sul e do centro de Mato Grosso.

Como já foi dito, uma população pouco mais densa acompanha as linhas de comunicação entre essas duas zonas: o rio Paraguai a oeste e a estrada de rodagem que de Cuiabá atinge Campo Grande, via Herculândia, pelo alto do planalto a leste.

Pantanal — É o Pantanal que aparece no mapa em apêço perfeitamente delineado como uma zona de população bastante rarefeita e dispersa, dado o gênero de vida aí dominante. Os pontos representativos da população rural, pouco numerosos, dão uma

idéia da precariedade de sua ocupação. Esta população tem como único horizonte de trabalho a criação extensiva de gado bovino, desde que as condições *sui-generis* desta região não possibilitem outra atividade econômica.

Nesta zona sujeita a inundações periódicas o gado pantaneiro na época das cheias refugia-se nas terras altas do planalto circunvizinho ou nas "cordilheiras", as terras altas no interior da baixada, adaptando-se às imposições do meio ambiente e possibilitando assim um aproveitamento econômico relativamente rentoso da planície inundável do Paraguai.

Se a população rural é rara dentro da zona do pantanal, muito mais ainda o é a população urbana. Apenas uma cidade se destaca dentro de sua vasta área, Corumbá, com 13 319 habitantes. Porto fluvial sobre o Paraguai e o mais importante do estado pelo seu movimento de exportação e importação terá a sua importância acrescida quando se completar a ligação ferroviária com a Bolívia.

Foi a sua vantajosa posição à margem da importante artéria fluvial que é o rio Paraguai, que lhe deu o grande desenvolvimento que goza como praça comercial importante. Numerosas linhas de navegação regulares ligam-na às cidades de Buenos Aires, Montevideo e Rosário.

Além disso, uma pequena atividade industrial desenvolvida, sobretudo, no que se refere ao preparo de produtos de origem animal: charque, couros salgados, farinha de ossos, chifres, vem dar à cidade um progresso maior.

Observando-se o mapa em estudo verifica-se uma localização interessante dos centros urbanos em relação à zona do Pantanal. Eles se dispõem na zona de contacto, a coberto das inundações, no "pé da serra" entre o planalto e a zona pantaneira. Se se contornar o Pantanal do sul para o norte vêem-se suceder as cidades de Miranda, Aquidauana, Heiçulândia, Poconé e Cáceres.

Na população rural nota-se ainda um contraste maior entre o vazio do Pantanal e as áreas circunvizinhas, sobretudo, as áreas do norte — a região de Cuiabá — e do sul, a área bem povoada de Aquidauana-Campo Grande. Para leste a população rural apresenta-se rara e dispersa numa zona em que a pecuária ainda não muito próspera constitui a atividade econômica de base no alto vale do Taquari. Para nordeste do Pantanal, entretanto, a distribuição espacial da população faz-se diversamente aparecendo numerosas pequenas vilas e povoados, em torno das quais a população rural se aglomera, assim como em torno das cidades: Poxoreu e Lajeado. É a zona diamantífera de Mato Grosso, em que o aspecto característico na distribuição da população é o conjunto de pequenos aglomerados populacionais.

Zona do Poxoreu — Na zona diamantífera que se localiza nos altos vales do São Lourenço, dos rios das Garças, das Moitas e Araguaia o povoamento é relativamente recente. A sua ocupação data de pouco mais de vinte anos; foram os seus ricos depósitos diamantíferos que atraíram uma população numerosa vinda dos estados vizinhos ou de outras regiões próximas. Essa população garimpeira se concentra em pequenas vilas e povoados situados à margem dos rios em que se encontram garimpos.

O grande número de pequenos núcleos urbanos, como se pode observar no mapa, é uma característica das regiões diamantíferas. Muitos destes povoados têm, entretanto, vida efêmera, desde que é a riqueza do garimpo que determina o seu desenvolvimento ou a sua decadência. Esta foi a origem dos maiores centros urbanos da região: Poxoreu e Lajeado, ambos com uma população aproximada de 2 000 habitantes. É o comércio do diamante que dá vida a estas pequenas cidades.

Nesta zona recentemente aberta à civilização ainda se encontram aldeias de índios bororos.

Região de Cuiabá — O núcleo populoso de Cuiabá se destaca como o de maior densidade, o de maior concentração de população em menor área, dentro do estado. Como já foi dito inicialmente, por motivos históricos é que se explica a existência desse núcleo mais povoado no centro de Mato Grosso. Tanto a população rural quanto a urbana apresentam valores relativamente elevados nesta região.

Zona de povoamento antigo foram as aluviões auríferas que no primeiro quartel do século XVIII a tornaram um centro de atração para a população colonial. A origem comum à maior parte dos centros urbanos aqui situados, como Santo Antônio (Santo Antônio do

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
 CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
 SERVIÇO DE GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA
 SECCÃO DE ESTUDOS

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO
 DO
 ESTADO DO MATO GROSSO
 RECENSEAMENTO DE 1940
 POPULAÇÃO URBANA



POPULAÇÃO RURAL

CADA PONTO CORRESPONDE A 200 HABITANTES

ESCALA



Leverger), Livramento (Nossa Senhora do Livramento), Poconé e a própria capital, Cuiabá, liga-se à atividade mineira do século XVIII: tôdas estas cidades guardam aspectos das velhas cidades coloniais do tempo da mineração.

Este núcleo mineiro bastante isolado dos demais centros povoados da província sempre teve uma pequena população que se dedicava à atividades agrícolas num caráter exclusivo de subsistência. Quando a decadência da indústria extrativa se estabeleceu, a região de Cuiabá voltou-se para a exploração do solo num aproveitamento agrícola das férteis terras marginais ao rio Paraguai e seus afluentes. Também a pecuária passou a ser uma atividade econômica rendosa dada a existência de numerosos pequenos consumidores.

Uma atividade agrícola importante na zona é a plantação de extensos canaviais que movimentam uma ativa indústria açucareira. Numerosas usinas instaladas ainda no século passado se localizam ao longo dos rios Cuiabá, São Lourenço e Paraguai.

A população mal relativamente densa que se concentra nas proximidades da histórica capital ainda tem como atividade agrícola destacada a plantação de gêneos de consumo como arroz, milho, mandioca, que servem à subsistência deste núcleo que forma como que uma ilha de população na vastidão dos sertões despovoados de Mato Grosso.

A capital, Cuiabá com os seus 18 861 habitantes, reúne em torno de si numerosas pequenas cidades, que pouco ultrapassam os 2 000 habitantes. São cidades que tiveram maior progresso e atividade na época da mineração do ouro e do diamante e que depois estacionaram ou decaíram.

Cuiabá, a antiga Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, teve origem como já foi dito, num arraial fundado na margem esquerda do rio Cuiabá em meados do século XVIII quando da descoberta de aluviões auríferas. Somente em 1835 é que Cuiabá foi escolhida para capital da província, função que cabia anteriormente a Mato Grosso, antiga Vila Bela. Cuiabá tem hoje uma indústria relativamente desenvolvida em que se destacam as usinas de açúcar.

Outro centro urbano importante na região é Cáceres com 4 695 habitantes. A cidade, a antiga Vila Maria do Paraguai, foi mandada fundar pelo capitão-general Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres em 1778. Situada no cruzamento dos caminhos fluvial e terrestre, a cidade logo se desenvolveu, pois, está ela localizada no extremo navegável do rio Paraguai e na passagem da estrada que vai de Cuiabá a Mato Grosso. A cidade de Cáceres tem uma certa importância industrial na zona com suas usinas e engenhos de açúcar, aguardente e rapadura, olarias, serriarias e saladeiras. Ela é ainda o porto de escoamento da poaia e da borraça produzidas na região.

Para o norte desta zona relativamente bem ocupada estende-se a vastidão despovoadas da região drenada pela bacia amazônica.

Habitada ainda por numerosas tribos indígenas, o povoamento pelo elemento branco ao longo dos afluentes e subafluentes do Amazonas, sobretudo, a nordeste é praticamente inexistente. A região é apenas esporadicamente percorrida por seringueiros e castanheiros na sua faina extrativa.

Já para noroeste, o aspecto na distribuição da população apresenta-se diverso. Ao longo dos rios Guaporé, Mamoré e Madeira o povoamento embora precário aparece um pouco mais denso. E esta maior concentração se faz, sobretudo, ao longo dos rios. É ainda uma atividade extrativa que ocupa a população que aqui se localiza.

Como núcleo urbano destaca-se na região somente Guajará-Mirim (1306 habitantes) ponta de tijolos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Este pequeno núcleo populoso do extremo noroeste do estado, dadas as maiores facilidades de comunicação mantém relações comerciais exclusivamente com o vizinho estado do Amazonas, tendo economicamente uma vida independente do estado a que pertence. Atualmente esta região desmembrada de Mato Grosso integra o território do Guaporé.

CONCLUSÃO

Como conclusão a este sucinto estudo da população no estado de Mato Grosso pode-se destacar a influência diversa dos vários fatores físicos e humanos sobre a sua distribuição atual.

Talvez um dos únicos exemplos em território brasileiro da existência de um núcleo populoso por motivos históricos se encontra aqui no estado de Mato Grosso na região de Cuiabá, onde a indústria extrativa mineral no século XVIII provocou um adensamento grande da população que aí permaneceu.

A atividade econômica básica das diferentes regiões matogrossenses teve, sem dúvida, uma influência preponderante sobre a distribuição espacial da população: a repartição da população formando pequenos aglomerados, pequenos núcleos populacionais, na região diamantífera de Poxoeu contrasta com a dispersão das áreas criadoras e com a concentração mais regular das zonas civitárias.

O Pantanal, paisagem *sui-generis* em Mato Grosso, apesar de ser uma zona de centrifugismo da população rural tem um papel geográfico importante em relação aos centros urbanos: na sua orla se dispõem algumas das principais cidades do estado. Estas cidades se localizam no término dos trechos navegáveis dos rios, afluentes do Paraguai, que correm com declividade mínima na baixada paraguaia. Situadas numa zona de contacto vivem elas em função de duas zonas diferentes que se complementam.

Ainda no que se refere às cidades não se pode deixar de destacar a influência preponderante que tiveram as vias de comunicação na sua origem ou no seu desenvolvimento posterior. Como foi visto, nas primeiras décadas da colonização a circulação fluvial deu origem a numerosas cidades e no século atual a estrada de ferro foi seguramente um fator de progresso para a zona por ela percorrida, criando novos centros povoados e provocando um rejuvenescimento nos mais antigos.

Finalmente, pode-se dizer que ainda toda a metade norte do território matogrossense se encontra praticamente desabitada, quer pela dificuldade que oferece a floresta amazônica à penetração e ocupação humanas, quer pelo isolamento e pela grande distância em que se encontra dos centros mais desenvolvidos e populosos do país.

BIBLIOGRAFIA

Livros

- CORRÊA FILHO, Virgílio — *Pantanaís matogrossenses (Devassamento e ocupação)* 170 pp, 49 fotografias, 23 figuras — Biblioteca Geográfica Brasileira n.º 3 da série A — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Conselho Nacional de Geografia — Rio de Janeiro, 1946
- CORRÊA FILHO, Virgílio — *À sombra dos ervais matogrossenses* — Monografias cuiabanas, vol. IV, pp, 12 fotografias — São Paulo Editôria Limitada, 1925
- CORRÊA FILHO, Virgílio — *Mato Grosso* — 264 pp, 29 fotografias, 2 mapas fora do texto — Coeditora Brasílica — Rio de Janeiro, 1920
- Conselho Nacional de Geografia — *Divisão Regional do Brasil: Centro-Oeste* — 60 pp, 3 mapas fora do texto — Rio de Janeiro, 1948
- DENIS, Pierre — “Amérique du Sud: Le Brésil” *Géographie Universelle*, tome XV, 1ère Partie — 210 pp, 64 fotografias, 36 figuras — Librairie Armand Colin — Paris, 1927
- HOEHNLE, F. C. — *Fitofisionomia do Estado de Mato Grosso* — 94 pp, 34 fotografias, 1 mapa em cores fora do texto — Companhia Melhoramentos de São Paulo — São Paulo, 1923
- MARQUES DE ALMEIDA, Fernando Flávio — “Geologia do Sudoeste Matogrossense” *Boletim* n.º 116 — Divisão de Geologia e Mineralogia — Departamento Nacional de Produção Mineral, 118 pp, 47 fotografias, 19 figuras — Rio de Janeiro, 1945
- PAIVA, Glycon de e LEINZ, Viktor — “Contribuição para a geologia do petróleo no sudoeste de Mato Grosso”, *Boletim* n.º 37 — Divisão de Fomento da Produção Mineral — Departamento Nacional da Produção Mineral — 98 pp, 8 cortes e mapas, 11 fotografias — Rio de Janeiro, 1939
- SODRÉ, Nelson Werneck — *Oeste (Ensaio sobre a grande propriedade pastoril)* — 206 pp, 8 mapas, Livraria José Olímpio Editôria, Rio de Janeiro, 1941

Periódicos

- CORRÊA FILHO, Virgílio — “Cuiabá, afluente do Paraguai” *Revista Brasileira de Geografia*, ano IV, n.º 1, janeiro-março de 1942 pp 3-20, 5 mapas
- Departamento Estadual de Estatística — *Boletim de Informações do Estado de Mato Grosso* n.º 2, 60 pp Cuiabá, 1940.
- FIGUEIREDO, Cel. Lima — “E F. Noroeste do Brasil: o seu futuro” — *Revista Brasileira de Geografia*, ano IX, n.º 2, abril-junho de 1947 Pp 286-287
- FIGUEIREDO, Cel. Lima — “Alguns aspectos fisiográficos do território do Guaporé” — *Revista Brasileira de Geografia*, ano VII, n.º 2, abril-junho de 1945 Pp 245-260, 9 fotograf., 6 figs.
- LÖFGREN, Axel — “De Goiás a Cuiabá através do chapadão matogrossense” *Revista Brasileira de Geografia*, ano VIII, n.º 2, abril-junho de 1946 Pp 211-226, 4 figs, 1 gráfico fora do texto
- MARQUES DE ALMEIDA, Fernando Flávio — “Reconhecimento geomórfico nos planaltos divisores das bacias Amazônica e do Piata entre os meridianos 51.º e 56.º WG” *Revista Brasileira de Geografia*, ano X, n.º 3, julho-setembro de 1948 Pp. 395-440, 25 figs, 2 mapas.
- MARQUES DE ALMEIDA, Fernando Flávio — “A serra de Maracaju — a paisagem e o homem” *Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, n.º 5, novembro de 1944 Pp 60-78, 7 figs, 1 mapa
- MARQUES DE ALMEIDA, Fernando Flávio — “O alto São Lourenço (Um reconhecimento geográfico)” *Revista Brasileira de Geografia*, ano VIII, n.º 4, outubro-dezembro de 1946 Pp 537-558, 18 figs, 1 mapa.
- MOURA, Pedro de — “Bacia do Alto Paraguai” *Revista Brasileira de Geografia*, ano V, n.º 1, janeiro-março de 1943 Pp 3-38, 15 fotograf, 1 mapa
- PAULA CIDADE, General F. de — “Aspectos geo-humanos de Mato Grosso: Corumbá” *Revista Brasileira de Geografia*, ano V, n.º 2, abril-junho de 1943 Pp 173-194, 10 fotograf

Mapas

Mapa da Viação do Estado de Mato Grosso — Ministério da Viação e Obras Públicas — Inspeção Federal das Estradas — Escala: 1 : 3 000 000 — Cia Litográfica Ipiranga — São Paulo, 1939.

Mapa Geológico do Brasil — Departamento Nacional da Produção Mineral — Divisão de Geologia e Mineralogia — Escala: 1 : 5 000 000 — Cia. Litográfica Ipiranga — São Paulo, 1942